

LUTAS E RESISTÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO: A ORGANIZAÇÃO DOS ENTREGADORES DE APLICATIVOS

ENTREVISTA COM ALEXANDRE SILVA DOS SANTOS (ANEA)

Cesar Sanson¹

<https://orcid.org/0000-0003-1275-0418>

Marcos Antônio da Silva²

<https://orcid.org/0000-0003-1196-2814>

Nos últimos anos, particularmente após a greve que ficou conhecida como Breque dos Apps em 2020, intensificou-se a organização dos trabalhadores por aplicativos no Brasil. Em dezembro de 2022 foi criada a Aliança Nacional dos Entregadores de Aplicativos (ANEA), uma representação nacional que congrega trabalhadores organizados em coletivos e associações para a defesa e representação coletiva dos trabalhadores. Dentre os objetivos da ANEA está a construção de um debate público sobre a regulação da atuação das plataformas no Brasil.

Em entrevista a Cesar Sanson e Marcos Antônio da Silva, Alexandre Silva dos Santos, integrante da coordenação nacional da ANEA, dirigente do Sindicato dos Motoboys de Santa Catarina (Sindmoto), da Associação de Motoboys de Santa Catarina (Motasso/SC) e da Federação de Motoboys e Mototaxistas do Brasil (Fenamoto), fala de sua trajetória de vida, da organização dos entregadores de aplicativos e dos desafios da categoria.

Poderia nos falar um pouco da sua origem familiar, a condição social da sua família, a sua infância e juventude?

Eu nasci no Paraná em 1984, em General Carneiro, uma cidade que fica entre Porto União (SC) e União da Vitória (PR), numa família de agricultores. Uma cidade pobre, no ano retrasado estive lá e percebi que em 30 anos não mudou nada. Posteriormente fomos para Caçador (SC). Aos seis anos de idade, os meus pais se separaram e retornei para General Carneiro e fiquei morando com a minha avó até 1992, quando fui morar com a minha mãe em Florianópolis (SC). Minha mãe era a cuidadora de idosos. Quando ela veio morar aqui, foi cuidadora da avó do Fernando Scherer, o Xuxa, o nadador. Após se estabilizar, ela me trouxe, e um ano depois também a minha irmã. Crescemos num ambiente com muitas

1 Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do grupo de pesquisa Nexos da Uberização. E-mail: cesarsanson@gmail.com

2 Doutor em Estudos sobre a Integração da América Latina (PROLAM/USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) e do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Email: marcosilva@ufgd.edu.br

dificuldades. A minha mãe sempre foi responsável pela nossa criação, sempre ganhando pouco. Então a gente sempre teve acesso limitado às coisas que uma criança acha que precisa. Minha sorte é que sempre tive boas amizades, muitos amigos. Eu sempre gostei de conversar com as pessoas, principalmente as mais velhas. Sou uma pessoa muito curiosa, gostava de ouvir as experiências dos mais velhos e, por conta disso, eu sempre fui muito benquisto pelos pais dos meus amigos. E isso me ajudou a amadurecer.

Cresci com essa rede de apoio. Sempre tinha alguém para me ajudar. Mas também convivi com amigos que se envolveram com coisas erradas, com o mundo do crime, usuários de droga. Tudo aquilo que uma criança em uma cidade grande encontra. A nossa cidade tem 600 mil habitantes, é a capital do estado. Cresci observando coisas ruins acontecendo, perdendo amigos.

Comecei a trabalhar cedo, com 12 anos de idade. Na verdade, a partir dos 8 anos de idade eu já fazia algumas atividades pelo bairro, ajudava na feira, ganhava um troquinho, algumas frutas, ajudava os meus vizinhos a capinar terreno, limpar calçada, coisas assim. Sempre tentando me virar, já que eu sabia que a minha mãe não tinha como dar algumas coisas de que eu achava que precisava. Então aos 10 anos, se eu não me engano, eu me aventurei no mundo do empreendedorismo. Eu peguei o dinheiro de uma capina, fui num mercado, comprei um saco de balão, enchi os balões, amarrei uma linha de algodão e fui à pracinha, onde eu sabia que tinha bastante criança, vender os balões para as mães dessas crianças.

Aos 12 anos tive um primeiro trabalho regular. Eu pegava uma bicicleta e ia até um ponto de distribuição, uma cozinha industrial, ali pegava pastéis e salgados e saía vendendo num roteiro pré-programado de lojas. Fiquei uns seis meses nisso. Numa dessas minhas entregas em uma loja, o pai de um colega meu gostou da minha desenvoltura e me convidou para trabalhar como aprendiz. Era uma loja de som automotivo. Ele precisava de alguém para fazer caixas de som. Comecei com 14 anos e fiquei trabalhando uns três anos nisso. Depois voltei mais umas duas ou três vezes a essa mesma atividade.

E sempre foi assim, sempre trabalhando. Trabalhei numa empresa de comunicação visual, trabalhei com vendas, depois com manutenção de ar-condicionado, depois com lanches. A partir de 2012, 2013 eu comecei a trabalhar com lanches e tive a experiência de conduzir uma lanchonete, depois gerenciar um trailer. Em 2017, saí do meu último serviço de carteira assinada, como chapeiro, peguei todo o dinheiro que eu tinha juntado e investi num negócio de açaí. Comecei a anunciar nas redes sociais, entre os amigos, e comecei a fazer as entregas a pé.

Depois que o negócio começou a engrenar, eu comecei a entregar de bicicleta, aí um vizinho meu ofereceu o carro para fazer algumas entregas que eram distantes. Eu fazia entregas de 10 km de bicicleta, 10 de ida e 10 de volta dá 20 km. O vizinho ficou com pena, e como ele tinha um negócio de assados, resolvemos juntar os dois e fazer uma coisa só. Depois, por conta de desavenças, não deu mais certo e cada um passou a tocar o seu lado e eu fiquei administrando meu negócio com a minha esposa, que sempre esteve junto comigo, temos um filho de nove anos. Ela sempre foi minha parceira no trabalho.

Continuamos nessa empreitada, até que eu cheguei a negociar uma loja, uma sorveteria. Mas este trabalho estava abalando o relacionamento com ela. Nessa época eu descobri a parte das entregas, do *delivery*, e em 2017 comecei a fazer entregas, fiz um cadastro no *iFood*. Muitas vezes a sorveteria bombando e eu na rua fazendo entrega para os outros. Percebi que as entregas na rua era o que eu gostava e que a minha esposa também tinha outros sonhos, então resolvemos encerrar o nosso empreendimento.

Chegamos à conclusão de que era melhor passar para uma outra pessoa esse ponto e cada um tentar fazer o que gostaria. A partir de 2019, 2020, fiquei exclusivamente nas entregas e estou até hoje nessa luta.

A partir de 2017 você começa a trabalhar como entregador?

Isso, exatamente.

De bike ou de moto?

Eu comecei a pé, depois eu comprei uma bike, mais à frente me juntei com um colega e compramos uma moto, mas a nossa sociedade não durou muito tempo.

O primeiro aplicativo em que você se cadastrou foi qual?

Foi o *iFood*.

Na verdade, você sempre gostou dessa atividade de entregador, desde os 12 anos de idade já trabalhava com isso. Sempre gostou da rua, mas em aplicativo mesmo começou em 2019?

Sim, sempre gostei da rua. Em aplicativo em 2019, com o *iFood*.

Nessa sua trajetória, como é que você despertou para a consciência social? Desenvolveu uma consciência crítica, politizada?

Para ser bem sincero, eu não me lembro. Mas, lembro que eu nunca gostei de desigualdade, sempre fui uma pessoa que gostou de ajudar os outros, de me colocar à disposição, às vezes de abrir mão das minhas coisas para ajudar alguém. Não sei de onde veio isso, mas é uma coisa que eu tenho há bastante tempo. Inclusive, além dessa militância de entregador, eu sou *rapper* também. Eu tive uma passagem bacana, tenho uma música, um *rap*, no *YouTube*, já faz uns 15 anos mais ou menos que está lá, que tem mais de 800 mil visualizações³. Eu fui muito influenciado pelos artistas do hip-hop dos anos 1990, anos 2000, e eles tinham essa pegada mais crítica e talvez tenha vindo daí essa

³ Trata-se do Rap "Agora é tarde", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2OWTya-FZWE>

consciência crítica. Eu comecei a ouvir Racionais MCs⁴ muito cedo, então talvez tenha vindo daí. Conheci o som dos Racionais no ensino fundamental e me identifiquei muito com a letra deles.

A primeira ação política na qual você se envolveu, manifestação, ato social, qual foi?

Foi a participação na manifestação dos 20 centavos⁵ aqui, em Florianópolis. Lamentavelmente, diga-se de passagem. Se fosse hoje eu não teria participado.

Por quê?

É porque eu acho que culminou naquilo que nenhum brasileiro em sã consciência gostaria de ter apoiado.

Retornando ao trabalho em aplicativos, como é que começou a organização de vocês?

No começo a gente não tinha nenhum tipo de organização. Na verdade, a gente tinha um sindicato com mandato vencido, foi a primeira organização com quem nos envolvemos. Era o Sindimoto (SC). É o sindicato que atende os motoboys que trabalham na CLT. Mas, por conta do estatuto do sindicato, o mesmo não podia representar entregadores, porque só representa motoboy com carteira assinada. Como a nossa realidade é da informalidade, mais de 90% dos motoboys são informais, não deu certo. Aí começamos a montar a nossa associação.

Vocês criaram uma associação? Como é que é o nome?

Isso. Associação de Motoboys de Santa Catarina (Motasso/SC).

É uma associação com estatuto, registrada?

Sim, mas não foi criada somente para os trabalhadores de aplicativos, foi criada para todos os trabalhadores de entrega. E essa é uma grande dificuldade da nossa categoria, existe uma rotatividade muito grande. O cara que é entregador hoje ou motoboy não necessariamente ele vai ser amanhã. Então essa é uma das grandes dificuldades. Desde a criação da Motasso, estamos indo para a terceira formação de diretoria.

Essa associação representa os trabalhadores de aplicativo também?

4 Um dos principais grupos de rap do país, fundado em 1988 em São Paulo e formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Possui inúmeros discos e letras de sucesso, dentre os quais se destaca "Sobrevivendo no Inferno" de 1997.

5 Movimento contra o aumento na tarifa dos transportes que ocorreu em várias capitais brasileiras em 2013.

Na verdade representa todos os trabalhadores de entrega, inclusive CLT. Nosso problema maior é a questão da legitimidade da representação. Não temos ainda um CNPJ que viabilize ações na justiça, que possibilite negociações com a prefeitura, Câmara de Vereadores. Hoje a gente não tem só a Associação. Começamos com a Associação, e reativamos o sindicato, o SINDMOTO SC.

E você está na coordenação, na direção dessas duas organizações?

Então, é um pouco complicado isso, eu sou o cara que geralmente puxa esse bonde. E existe um problema muito grande na questão de orgulho, do ego, da vaidade quando se fala em liderança, então uma estratégia que eu assumi foi a de começar, organizar, encontrar as pessoas corretas, ensiná-las a trabalhar e depois dar autonomia para que elas trabalhem. Depois do sindicato, nós criamos um coletivo de representação política e lançamos uma candidatura a deputado estadual em 2022, que também foi oriundo da Associação. Através da Associação, eu pude participar de outros grupos de liderança nacional, até chegar na Aliança Nacional dos Entregadores por Aplicativo – ANEA e participar das discussões de regulamentação do trabalho por aplicativo.

A partir da sua experiência individual e coletiva das organizações das que participa, qual é a sua opinião sobre essas plataformas, no caso, o iFood, a mais conhecida, e as outras?

O iFood na verdade responde por 83% do mercado, então quando a gente vai falar de plataforma digital de *delivery*, obrigatoriamente temos que citar o iFood. Eu já tive a oportunidade de conversar com muita gente que tem conhecimento do mundo do trabalho, da precarização, e aí eu cito Jorge Soto Maior⁶, Rafael Grohman⁷, são pessoas que são realmente gabaritadas. Posso, com todo o orgulho, falar que eu sou amigo do Paulo Galo, do JR Freitas, do Gringo, do Nicolas Souza⁸, pessoas que conhecem e entendem muito do assunto e eu me aproveito muito disso para absorver o máximo de conhecimento. O que eu posso falar para vocês sobre isso, sobre as plataformas, é que elas se utilizam de uma tecnologia para poder manipular o mercado, colocando muitas pessoas à disposição para baratear o valor do trabalho, levando à precarização.

Você começou a participar da ANEA desde quando?

Particpei da criação da ANEA, da sua articulação, das greves. Ela é oriunda de muitos grupos de organização, de lideranças.

⁶ Jurista e professor livre docente de Direito do Trabalho Brasileiro na USP.

⁷ Professor assistente de Estudos de Mídia com foco em Plataformas Críticas e Estudos de Dados na Universidade de Toronto Scarborough (UTSC).

⁸ Lideranças de entregadores de aplicativos.

Você tem participado das reuniões em Brasília, do Grupo de Trabalho (GT) que discute a regulamentação dos trabalhadores de aplicativos?

Sim.

Como é que você avalia essa negociação com o governo? Quais são as principais reivindicações? O que avançou?

É um cenário bem complicado. O governo, por ser um governo trabalhista, do Partido dos Trabalhadores (PT), com herança sindical, tem tido uma dificuldade grande de se comunicar com a base de trabalhadores das plataformas digitais, em função da polarização e das narrativas que vêm sendo criadas nos últimos anos pela direita. A dificuldade de diálogo é grande, inclusive para nós, que somos lideranças, que somos trabalhadores, somos da base. A discussão da regulamentação no GT tem sido muito direcionada pelas centrais sindicais.

O governo, por conta dessa herança sindical, deu prioridade para as centrais sindicais, tanto é que a maioria das indicações de representação no GT foi feita pelas centrais sindicais. Muitos dos trabalhadores de aplicativos não se identificam com os sindicatos, talvez até a maioria, e por isso foi aberto um espaço de representação para as lideranças independentes. No decorrer do GT, essa presença de sindicalistas e lideranças independentes acabou atrapalhando as conversas. A gente perdeu muito tempo com isso. As plataformas, por sua vez, queriam legalizar a precarização.

O desafio tem sido o de resistir às investidas das plataformas e suas propostas absurdas e, ao mesmo tempo, fazer com que as lideranças conversassem e buscassem concordâncias, deixando de lado as suas diferenças.

Você avalia que, nesse processo, os sindicalistas acabaram mais atrapalhando do que ajudando?

Não diria isso, até porque eu também me considero um sindicalista. Eu penso que temos que tomar um cuidado para não entregar a nossa categoria nas mãos daqueles que querem apenas nos explorar através de uma nova tecnologia, que é o que acontece com os aplicativos. Mas também é preciso entender que o mundo realmente mudou e que precisamos de uma atualização. Eu acredito que a solução seria conseguir o equilíbrio entre essas duas coisas. Entre evitar ao máximo a exploração e conseguir ao máximo se atualizar quanto à tecnologia, o que é um grande problema dos sindicalistas. Eles estão querendo usar a mesma receita dos últimos anos para uma coisa que é completamente diferente. E não está dando certo.

Se você pudesse sintetizar, resumir, quais são as principais reivindicações da ANEA hoje?

A ANEA tem uma carta de princípios. Então, eu acredito que não seria justo que eu falasse por mim, o que eu acho e tal. Eu acho que se for para falar sobre a ANEA, temos o site⁹. Os pontos da carta, falam mais do que qualquer palavra que eu possa dizer. Lá se encontram as principais reivindicações.

No GT o governo insiste muito na regulação? O foco é um contrato mínimo formal de trabalho que incorpore a previdência, não é isso?

Eu costumo dividir em três eixos a discussão do GT da regulamentação das plataformas digitais. O primeiro é a segurança jurídica que interessa às empresas. É isso que elas estão buscando, porque a quantidade de processos que elas vêm tomando é imensurável. As empresas querem segurança jurídica. Os trabalhadores querem melhora na remuneração e esse é o segundo eixo das discussões. E quanto ao governo, o terceiro eixo: ele quer incorporar a previdência. E isso tem lógica, hoje devemos ser a categoria que mais acessa a previdência por conta de acidentes ou afastamentos, ou até mesmo mortes ou invalidez. Em contrapartida, somos a categoria, ou a profissão, que menos contribui com a previdência. Porque os que contribuem, contribuem com MEI, só que 80% dos MEI estão inadimplentes.

Você avalia que uma possível negociação vai sair de uma articulação desses três eixos?

Sim, esses são os interesses. O entregador quer a valorização, e a valorização passa pela remuneração. As empresas querem a segurança jurídica e o governo quer garantir a cobertura previdenciária.

Para os entregadores, a regulação passa por uma garantia de renda mínima?

Exatamente, hoje o entregador sai para a rua sem perspectiva de ganho garantido. Esta é a realidade atual. Como eu falei, participo dos grupos de *Whatsapp* a reclamação é essa. Todo dia o pessoal sai para a rua, mas nem sempre tem entrega. E quando tem, são poucas e para algumas pessoas. E aí quando isso acontece, mais tempo eles têm que ficar nas ruas à disposição e à exposição do perigo. Este é o grande problema. A falta da garantia de uma demanda e as consequências que isso traz, inclusive, para a sua saúde mental, que é uma coisa que é pouco abordada.

Como você define quem são esses entregadores de aplicativos? Qual é o perfil, são jovens, trabalhadores vindos da periferia? São individualistas? Manifestam solidariedade de classe? Como é que você vê esse trabalhador a partir da sua experiência?

⁹ O site da ANEA é: <https://anea.net.br/>.

Então, vocês tocaram num ponto fundamental em nossa luta, infelizmente porque esses trabalhadores não se identificam nem como trabalhadores. Eles se consideram empreendedores.

Eles querem mais trabalho, um valor melhor pelo trabalho, mas não querem saber de nenhum direito da CLT. Eles querem segurança? Querem, mas se você falar em CLT, eles pulam fora. Entendeu?

Você acha que eles são individualistas, é isso?

Exatamente, são completamente individualistas. É difícil conversar com eles, porque infelizmente estão dentro de uma bolha, e essas narrativas do empreendedorismo acabam conduzindo eles para longe uns dos outros, inclusive na própria dinâmica do trabalho. O aplicativo recomenda que você não fique próximo de outros entregadores, para que você não dispute as entregas. Tudo isso aí colabora para que se distanciem e conversem cada vez menos. Agora, existe uma ponta de esperança de união? Existe. Quando alguém é agredido, quando alguém é maltratado ou quando alguém é prejudicado financeiramente pelo aplicativo.

Nesses casos, os trabalhadores se sentem como companheiros. É o colega dele e amanhã pode ser ele, aí ele sente a necessidade de fazer algo. Mas no geral, não existe companheirismo. Cada um quer garantir o seu, quer mais trabalho e ganhar mais. Por isso, inclusive, estão brigando para poder trabalhar mais de 12 horas. Enquanto a gente considera que 44 horas semanais é muito e quer diminuir isso, eles acham que não, que tem que ter liberdade para poder trabalhar 12 horas, porque assim faz dinheiro. Então isso é uma atitude de empreendedor, não é uma atitude de trabalhador. O entregador acha que se ele se esforçar mais, vai ganhar mais. É a *gamificação*¹⁰ e os aplicativos já entenderam isso.

Você considera que o fato de estar num estado conservador politicamente como Santa Catarina, em que a votação de Bolsonaro foi das mais expressivas do país, se relaciona com isso do empreendedorismo?

Pode ser, mas veja, por exemplo, a Bahia, um lugar onde há muita resistência por parte dos entregadores. É um dos Estados de onde vêm mais críticas à regulamentação. O negócio deles é o quê? Quanto menos Estado, melhor. Entendeu?

A organização de vocês em Santa Catarina tem contato com as universidades, foram procurados por alguém da universidade, por pesquisadores, tem algum tipo de relação?

¹⁰ Gamificação é uma referência a *game* (jogo). Como um *game*, os ganhos estão associados à *performance* de aceitação das regras impostas pelo jogo. Quanto mais o entregador se subordina aos algoritmos da plataforma, mais ele entra no “ganha-ganha”. Entretanto, se ele se insubordina frente a essas regras e, conseqüentemente aos algoritmos, mais ele é punido (nota dos entrevistadores).

Não procuraram, mas eu fui até a universidade para uma palestra do Paulo Galo, e aí ele me identificou lá na platéia, me cumprimentou e me apresentou para o pessoal. A partir daquele momento algumas pessoas vieram conversar comigo, do curso de Sociologia, do curso de Filosofia também e o pessoal do projeto “Caminhos do Trabalho”, que é um projeto que já conhecia através do professor Vitor Filgueiras¹¹, que está ajudando a gente na construção de NRs¹², que é um dos caminhos para a regulamentação de questões de saúde e segurança.

Através desses contatos e com a colaboração da Universidade construímos um projeto chamado “Saúde na Moto”. É um curso de instrução de primeiros socorros para os entregadores. Acontece muito acidente com a gente, uma coisa frequente no nosso dia a dia. Então, a proposta é saber como agir imediatamente, técnicas de reanimação, de imobilização correta da vítima. A nossa ideia é incluir nesses cursos a formação cidadã. Não falamos em formação política por conta da resistência que foi criada, porque quando se fala em política eles acham que é falar de Lula e Bolsonaro, entendeu? Então falamos de formação cidadã, porque daí também contempla os nossos colegas da direita.

Para os estudantes, professores, pesquisadores que se encontram nas universidades, o que você diria para aqueles que gostariam de compreender melhor a categoria dos entregadores?

Ouvir esses trabalhadores.

(Recebido para publicação em 11 de março de 2024)

(Aprovado para publicação em 19 de março de 2024)

11 Professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenador do projeto “Caminhos do Trabalho”, que visa mapear o adoecimento ocupacional no país e combater sua ocultação, e o programa “Vida Pós Resgate”, que visa beneficiar trabalhadores resgatados de situação análoga à escravidão.

12 Normas regulamentadoras.